

“OS GIGANTES PELUDOS”: UM RELATO DENTRO DO GÊNERO UTÓPICO

Silvia Regina Liebel¹, Paola Povosian Freitas Calle²

¹ Orientadora, Professora do Departamento de História da FAED-UDESC -
liebel.seiziemiste@gmail.com.

² Acadêmica do Curso de História, FAED-UDESC, bolsista de iniciação científica PIVIC/UDESC.

Palavras-chave: utopias, imaginário, literatura, Idade Moderna

O presente artigo é escrito com a intenção de ser o relatório final de bolsista do projeto de pesquisa “Utopias modernas: literatura e construção da ordem (1467-1699)”. O projeto analisa a literatura utópica da Idade Moderna no recorte de tempo supracitado, recorte este estabelecido pelo ano de redação da utopia mais velha que analisamos, escrita por Francesco Colonna em 1467, e pela utopia mais recente, publicada por François Fénelon em 1699. O objetivo do projeto é coletar e examinar as obras escritas neste período, buscando compreender seu grau de importância como mecanismos utilizados para fugir e ao mesmo tempo reconstruir a realidade da ordem vivida no contexto em que os textos foram escritos.

Sob a luz da História Cultural e tendo por base autores que dissertam sobre literatura e representação, como Roger Chartier e Antônio Cândido, encaramos as utopias da primeira parte da Idade Moderna enquanto um gênero literário, usando a perspectiva de Tzvetan Todorov. Enquanto tal, pretendemos estudar estas utopias em conjunto, tentando perceber suas similaridades e diferenças, comparando-as e relacionando-as, ajudando-nos assim a entender a formação da ordem moderna. O termo “utopia”, cunhado pelo humanista inglês Thomas Morus em 1516 e que aparece em sua obra homônima, surge de uma junção de palavras gregas que significam um lugar que é ao mesmo tempo bom, mas não existe. A criação do termo está bem colocado neste contexto, em que a realidade europeia dos séculos XVI e XVII estava repleta de histórias de terras sendo conhecidas e o imaginário acaba refletindo isso. Deste modo, achamos essencial considerar as diferentes definições deste termo, segundo diversos autores, que às vezes têm ideias divergentes e às vezes concordam entre si, como Hilário Franco Júnior, Lewis Mumford, Gregory Claeys e Merlin Coverley.

Seguindo esta bibliografia de base, tomamos como fonte deste artigo a utopia publicada pelo holandês Henry Schooten em 1671, que recebe uma segunda edição em 1766, chamada *Os Gigantes Peludos ou uma descrição de duas ilhas do mar do sul, chamadas pelos nomes de Benganga e Coma* (tradução livre do inglês “The Hairy Giants, or a description of the two islands of the Southsea called by the names of Benganga and Coma”). Escrita na forma de um relato de viagem, onde o autor se coloca no lugar de narrador personagem, a obra nos dá uma narrativa geral dos pontos que o autor acha relevantes serem destacados do lugar utópico. Estudamos então a utopia com a ajuda das teorizações de Claeys, que nos permite analisar seus costumes, características dos habitantes e mercadorias de maneira mais ampla.

